

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

O S. JOÃO

E OS NOSSOS COLABORADORES

NOITE de S. João — noite dos Namorados e dos Poetas. Assim, porque não passa de velha chapa literária, se dizia outrora. Hoje, nós cá do nosso tempo, «a gente bem», finge rir — e tem pena. Tem pena e saudade dos Namorados e dos Poetas. Compenetramo-nos de que foram coisas lindas do passado, e já não são, nem regressarão jámais. Entretanto... ontem, como hoje, e amanhã, a Noite de S. João é a Noite dos Namorados e dos Poetas, por que é a Noite do Amor e todo o Amor é Graça, Sonho, Leviandade e Poesia. A Graça infinita do Beijo, que nós sonhamos; Sonho que nunca se torna a realidade, que nós ansiáramos; e por isso mesmo Leviano, porque profundo, à cata do Impossível Amor, cheio de Graça e de Sonho. Na sua Poesia, o nosso Povo, mul devoto da Noite de S. João, continua a esperar... a Graça, o Sonho... e o Amor impossível. Impossível? Não. A Poesia tem esse Feltigo — do Nada faz o Eterno, do Efêmero, o Imortal... e da Dor Profunda, o Sorriso esvoaçante e ligeiro. Assim, nós abrimos um Certame de Poetas, de Poetas Namorados. Vão ouvi-los. Uns, estridulam como os grilos, zumbem como impertinentes moscardos — outros, e outros trillam de rouxinol. Em alguns, o verso não chega a ser música — é apenas a côr da borboleta adejando em torno à luz. A Luz do Amor — em que todos queimam ou queimaram as asas. Mas, por S. João, não digam nada... — e digam os Poetas e os Namorados.

Olhos nos olhos — o fôgo
De encantamento e desejos!...
— Bôças que se unem e, logo,
Crepitam brazas de beijos...

Eu hei-de pôr no craveiro
Da janela êstes dizeres:
— Nunca vi cravos sem cheiro
Nem S. João sem mulheres...

Meu seio um cravo traduz,
Meus braços, dois, p'ra abraçar-te...
— Beija esta carne, esta cruz,
Que ela há-de crucificar-te...

Há coisas tam perturbantes
Numa mão cheia de cravos,
Que ferem mais que brilhantes
E prendem mais que afagos...

Diz que éromeiro e que pede
Uma esmola — coisa pouca:
— Que o deixe matar a sede
Nos beijos da minha bôca...

Dansavas louca e beijavas
O teu par, que eu tudo vi:
— Era um cravo que levavas
Todo abraçadinho a ti...

Tem da serpente o coleio,
Tôda ela freme a abraçar...
Parece quebrar-se ao meio
Seu corpo, esguio, a bailar!...

E' uma cascata frondosa
O meu lar, minha casinha,
Onde abraço a linda esposa
E um amor de filhinha.

Tu não abrases à beira
Da fonte o teu namorado...
A fonte é murmuradeira,
Aumenta sempre um bocado...

E' esta a forma que vejo
De calar nossos agravos:
— Tu dás-me a graça dum beijo,
Eu dou-te um molho de cravos...

Porque o rancho é de donzelas,
Ris-te que eu vá, sendo impura...
Nem sempre o céu é de estrelas,
Nem sempre a noite é negrura...

Extinguiu-se, qual fogueira,
O nosso amor na noitada...
Ele ardeu de tal maneira,
Que se tornou cinza e nada...

Delfim de Guimarães.

Na noite de S. João,
Menina acende a fogueira.
Apesar de ser verão
Sinto frio à tua beira.

Deita lenha na fogueira,
Mas faz isso com medida.
O calor gera desejos...
E podes ficar ardida!

Já tivestes três amantes:
António, Pedro e João.
Tu nos dias dêstes santos,
Choras os três, que lá vão!...

J. V. C.

Porque nasci no seu dia,
Não há tristeza tamanha
Que me roube tôda a alegria:
— S. João que me acompanha!

O beijo que tu me deste
Em noite de S. João,
Foi como um fogo celeste,
Brilha em rápido clarão!

Não rias de mim não rias
Por assim te querer tanto,
Porque as minhas alegrias
Só duram enquanto eu canto!

S. João, de pequenino,
Amou os simples e os rotos,
A prègar o amor divino
E a comer gafanhotos!

Um Romeiro.

Orvalhadas, a frescura
Que o povo sempre cantou...
São para mim amargura
Dum beijo que me queimou...

Nem no rancho a bailar,
Nem à roda da fogueira;
Maria 'stava a chorar
Com a mãe à sua beira.

Este cravo que te dou,
Era branco, bem o vi;
E não sei porque corou
Sabendo que era p'ra ti.

Menina levante o rôsto,
Veja que lindo luar!
Bem podia dar-m'o gôsto
De vir comigo bailar.

Murmúrios da Fonte Santa,
Lembrança dos meus amores...
Deixai 'squecido quem canta
Do tempo das suas dôres...

Vi-te sair, a correr
Da casinha onde moras,
Para o trevo ir colhêr
Demoraste muitas horas...

J. R.

Estes versos que te escrevo,
Maria, guarda com jeito;
E também te mando o trevo
Para pôres ao teu peito.

Tem cautela, que ninguém
A mão lhe ponha sequer...
A virtude que êle tem
Só nós devemos saber.

Vai também o meu desejo
Nestes versos que te escrevo:
Recebe de mim um beijo
Com o perfume do trevo.

E agora, toma cuidado:
Não te queimes na fogueira...
— Amor que fica queimado
Lembra sempre a vida inteira!

Romeiro da Soledade,
Minhas penas são sem fim:
No Convento da Saúde
Rezo por ti e por mim...

D. Ribeiro.

Na noite das orvalhadas
Sempre busco a minha sorte:
Requeiro as contas da Vida
E valem só as da Morte.

Dos cravos que tu me deste,
Uns rubros, outros 'marelos,
Nenhum ganha em doce aroma
Ao prazer dos meus anelos.

«Jurar falso é calúnia» —
Não me canso em o dizer:
Só os captivos de amor
Não atestam tal parecer.

Há no fogo que crepita
Encanto de luz e côr;
Arde assim em nosso peito
A chama viva do Amor.

Odeias quem te alivie
Dessa mágoa sem razão;
«Aconteceu... — diz o povo —,
Vinganças de São João».

Amor não é um pecado
'Inda que tratado a beijos;
Todo o mal é perdoado
Quando se queima em desejos.

Nasceram tam iguaisinhos
O ciúme e a ilusão,
Que ninguém receia o mal
De abalar seu coração.

L. Coelho.

Dansas, folguêdos, cantares,
Só na noite dêste Santo;
— Porém, em muitos olhares
Vêmos vestígios de pranto.

Sobem balões no espaço...
E' noite de S. João.
— Maria: dá-me o teu braço,
Que eu dou-te o meu coração.

Passa uma rusga. Folia!
Canta a alma portuguesa.
— O que aí vai de alegria!
E tu cheia de tristeza.

Na noite de S. João
— Louvado seja o Senhor! —
Dei largas ao coração
E vai, perdi-me de amor...

Oscar Diniz.

Tocai no vosso tambor
na noite de S. João,
mas batei-lhe com amor,
não vá sofrer um rasgão.

Amor louco, o que êle faz,
de ti mesma te esqueceste,
mas jámais alcançarás
aquilo que então perdeste.

Bôca rubra, de sardão,
que pôis aos saltos meu peito,
na noite de S. João
quero beijá-la a meu jeito.

Na noite de S. João
quero que comigo colhas,
que procuremos no chão
o trevo de quatro folhas.

Quero, cachopa, a noitada
passá-la com alegria,
ter-te a mim aconchegada
té vir o romper do dia.

Por Deus, não digas que não,
não digas que não, querida;
a noite de S. João
é das melhor's desta vida.

Aproveitai êste dia
de grande divertimento,
mas cautela co'a folia,
não haja arrependimento.

Dizem ser de brejeirice
a noite de S. João,
que nela se faz tolice,
talvez sim e talvez não.

De noite pinta-se a manta,
S. João dá mocidade,
todos vão à Fonte Santa
mas só pensam na maldade.

Camara Dão.

Toma êste cravo encarnado,
desculpa ser coisa pouca,
mas por mim já foi beijado
como sendo a tua bôca.

O manjerico é presente
da noite de S. João,
mas em vez dêle, consente
que te dê meu coração.

Teus olhos em mim poisaste
com ternura e tanto enleio,
que logo me confessaste
o sentir dêsse teu seio.

Tua bôca tão formosa
é rubro e lindo botão,
é desabrochar de rosa
em manhã de S. João.

Simão Neves.

Tu trazes um cravo ao peito,
E eu tenho-o no coração;
O teu é vida, é perfeito,
O meu é dôr, é paixão.

Os teus olhos são fogueiras
que vivem p'ra me aquecer,
Os teus lábios duas fontes
Onde sempre vou beber...

A' Virgem-Mãe eu pedi,
Com devoção e fervor,
Que esta fogueira, por ti,
Cessasse com teu amor.

Teus olhos, cravos juntinhos,
Encontrei-os certo dia;
Eram tristes, pobrezinhos,
Dei-lhes esp'rança, alegria...

O cravo que te mandei,
De perfume inebriante,
Foi aquele que roubei
Ao teu seio palpitante.

Arnaldo de Sousa Lobo.

São João pôs-te nos lábios
Tão lindos versos de amor,
Que eu qu'ria o saber dos sábios,
P'ra lhes sentir o sabor...

A linda quadra de Amor
que eu te quizera fazer,
já a fez Nosso Senhor,
Quando formou a Mulher...

P'ra me dizer o que fazes,
já pedi a S. João
que, ao cravo branco que trazes,
Passasse procuração...

Já falam das nossas bôdas?
Deixa lá falar quem fala...
Eu 'scolhi-te entre elas tôdas
E o mal da inveja é que as rala!

Lá por ver-te a perna nua,
Amor, não andes zangada,
Que as pedrinhas cá da rua,
Vendo mais não dizem nada...

Já velho para canseiras,
Quiz saltar, mas — ó abrolhos! —
Cai logo nas fogueiras
Das meninas dos teus olhos!

Tive outras mulher's ao pé
E, embora te não pareça,
Fôste tu a *Salomé*
Por quem perdi a cabeça...

Altinino Gonçalves.

Sam João, era solteiro
Por não saber namorar.
Anda aí tanto matreiro,
Que namora sem casar.

Raparigas, tomai tento
Na noite de Sam João.
Reparai; é num momento
Que se dá o coração.

A noite de Sam João,
Tem boas recordações;
Mas há tanto coração
Que só tem desilusões.

Fresca é a orvalhada
A quem a vida é só rir.
Oh! tanta gente escaldada,
Por ver o riso fugir.

A. N. C.

A noite não está no fim,
e já mal arde a fogueira...
— Deixá-lo! Se olhas p'ra mim,
nasce o sol à minha beira...

Queres um trevo?! Louquinha!
Não o vês, por que não olhas:
— tua bôca, ao pé da minha,
dá trevo de quatro folhas...

Anda a árvore, prazenteira,
abraçada ao meu destino:
deu-me sombras... a fogueira...
o berço para o menino...

Tenho um cravo em cada mão,
outro aos pés me foi cair:
— une ao meu, teu coração,
que vou p'rá cruz, a sorrir...

O' fonte do seu caminho,
onde o olhar d'Ela poisou:
dá-me, em gôtas, o carinho
que seu olhar te deixou!

Meus olhos, quando bailei,
tanto prenderam os teus,
que, meu amor, eu nem sei
se estes olhos serão meus...

Com sua graça, a viola
fêz a tua perdição...
E tu vais com a viola
abraçada ao coração!...

Pois que a noitada foi toda
perdida ao pé do bercinho,
teu olhar bailou à roda
dos olhos do teu filhinho!...

Salvador Dantas.

O' fontinhas dos caminhos
que dizeis, que murmurais?!
São louvor's dos pobrezinhos,
de amantes saudosos ais?...

Alfazema, cravos, rosas,
estonteio, ilusão.
Orvalhadas perfumosas.
Noite de amor's... S. João.

S. João anda na serra
pacificando os zagais
que se amofinam em guerra
à conta dos maiorais.

Maria, essas tuas saias
ao dançar's formam balão:
Vêm-se-te as pernas cambaias,
não dances mais, *meu-bem*, não!...

Malmequeres, bem-me-queres...
Enganei-me ao começar;
Neste jôgo das mulheres
S. João, 'scolhei-me o par...

A. de Macedo.

Têm êstes velhos festejos
tanta alegria e loucura,
que há almas doidas por beijos,
dêles sabendo a amargura...

Fogueirinhas — o calor,
achêgo dos pobrezinhos,
quando cai neve na serra,
e o frio gela os caminhos.

Pedi-te um cravo, e tu
desdenhosa o atiraste;
com êsse modo tam crú,
bem fundo me magoaste.

Beijos, cantigas, balões,
fogueiras a crepitar,
bailado de corações
— muitas almas a chorar...

Chamas de amor, bem as sinto
abrasando o coração;
— acredita que não minto,
Maria, tem coração!...

O teu olhar aqueceu
a minha alma enregelada,
e o pobre coração meu
bailou em dansa apressada.

Toca a *'stúrdia* ao pé da ermida,
o rancho já vai formar:
— Minha Maria querida,
depressa, vamos bailar!...

J. Gualberto de Freitas.

ITINERARIOS

3) VI Gandarela. O carro da carreira...

Gandarela. O carro da carreira, a gasolina, para e logo vieram de assalto...

É a mesma venda escura e lóbrega (ao cabo de tantos e variados séculos revólto de uma existência precária)...

— «Até que enfim cheguei!» — mas essa voz, que dizia assim, parecia antes de enervada surpresa timorata...

— Não que o amor não dá outros frutos — ou filhos ou dinheiro. Este da réplica chegou, com outro bando...

— E tu cá venho perfeito para o casamento: sei muito bem destonar batatas e fazer a cama...

Como por vezes nos tenhamos referido à falta de micrófonos na Cidade, hoje propomos indicar alguns dos locais que, a nosso ver, seriam recatados para a sua instalação...

Necessidade imperiosa

Alheia, absorvida, com a rigorosa minúcia de guarda-fiscal, a Mãe inspecionava um por um os objectos da bagagem...

Festas a S. Cristóvam

Se a memória não nos atraiçoa, no próximo mês de Julho costumam os motoristas da nossa praça levar a efeito as festas em honra do seu patrono — S. Cristóvam.

A poucos dias da realização de tal festa, que conste, nenhuma informação foi ainda revelada acerca do andamento desses trabalhos e parece que a modórria tomou de assalto o já demonstrado entusiasmo da supracitada classe.

— Chegou essa Comissão a tomar posse? — A Comissão do passado

velho de muito dinheiro; a Soledade com um marçano. Enfim, algumicas, é certo, desgarravam-se e perdiam-se...

— Não vou, que tenho vergonha, nem quero que me procurem —, mas, pelas ocasiões do ano, não bem refartos, ora acomodadinhos. Mais angustiosa, a velha estremeceu — e fêz-lhou-se. E ao virar-se para a filha, disse apenas:

— Não sei de quem tenho mais pena — o menino ou outra moça, que seguia na jornada, e devia ter andado a «ama de leite»...

— Não que o amor não dá outros frutos — ou filhos ou dinheiro. Este da réplica chegou, com outro bando, em automóvel, a tomar acomódo: eram mancebos que vinham licenciados do serviço militar...

— Eu cá venho perfeito para o casamento: sei muito bem destonar batatas e fazer a cama. A moça, que casar comigo, leva um bom partido: fico-me em casa a tratar da cozinha e do quarto e ela vai para o campo lavar e sachar!

Eduardo d'Almeida.

Necessidade imperiosa

Como por vezes nos tenhamos referido à falta de micrófonos na Cidade, hoje propomos indicar alguns dos locais que, a nosso ver, seriam recatados para a sua instalação...

E assim, olhados com um pouco de boa-vontade os recantos apropriados para tal, citaremos os Largos de João Franco, José Maria Gomes e Oliveira, e ainda as Ruas Egras Moniz, Bento Cardoso e Francisco Agra, para não falar da Rua de Paio Galvão, que, à falta do funcionamento das retretes da Praça do Mercado, oferece aos moradores a desagradável cena de ver homens a regar as ervas dos canteiros do jardim da S. Martins Sarmiento através do gradeamento que o isola, num à vontade que muito reclama contra o pudor público.

Seria uma boa obra camarária e superaria em tudo e por tudo o folclorismo recreatório de certas atitudes.

Festas a S. Cristóvam

Se a memória não nos atraiçoa, no próximo mês de Julho costumam os motoristas da nossa praça levar a efeito as festas em honra do seu patrono — S. Cristóvam.

A poucos dias da realização de tal festa, que conste, nenhuma informação foi ainda revelada acerca do andamento desses trabalhos e parece que a modórria tomou de assalto o já demonstrado entusiasmo da supracitada classe.

— Chegou essa Comissão a tomar posse? — A Comissão do passado

ano ter-lhe-ia transmitido os poderes?

Seja consoante fôr, apraz-nos lembrar aos motoristas da praça de Guimarães que lhes compete o dever de não se deixarem invadir do mal endêmico da letargia, procurando levar a efeito, uma vez mais, a sua festa anual e proporcionando aos desportistas portugueses a efectivação de mais interessante prova automobilista do nosso País — a rampa da Penha.

Sempre teremos Teatro.

Tornada pública a deliberação camarária, a seu pedido reuniu a «Estética» que deliberou a sôbre a continuidade das obras do novo Teatro, feito a expensas de Bernardino Jordão.

Ainda bem. O contrário seria prejudicar o entusiasmo da iniciativa popular que, através dos tempos, tem sido a melhor auxiliar dos municípios.

Parabéns à Câmara e parabéns ao sr. Bernardino Jordão pelo reconhecimento do valor da sua obra.

Críticas Pequenas

Teixeira de Pascoas fêz o seu testamento — O HOMEM UNIVERSAL. Conglobou as suas ideias dispersas em quarenta e dois anos de larga bibliografia em verso e em prosa, e ofereceu-nos duzentas páginas de síntese do seu labor de Poeta e Filósofo e Prosador.

Em tudo é grande, até no paradoxo. Em toda a sua vasta obra, sobre um alicerce cimentado em sucessivos contra-venos e variegadas ironias vem erguer-se um alto edificio em que o ar e a beleza encontram largas janelas bem abertas e bem floreadas.

Tem e profundo culto por S. Paulo, S. João Evangelista e S. Jerónimo.

... «a minha prosa é pinho bravo, como a de S. Jerónimo é de ébano.»

Paulo foi o ser vivo por excelência. Quem não é defunto, ao lado dêsse espectro incandescente? Não arrefeceu, nem arrefece. Ainda hoje, as frases das suas Epístolas irradiam um deslumbramento interior, da natureza do calor.

De todas as obras desde 1897 o Publicista evoca amostras do seu ideal que afinal nos aparece mais nebuloso do que as longinquas nebulosas que êle canta maravilhosamente.

Entretece a sua prosa de encantos com trechos franceses de revisão menos cuidada.

E a certa altura confessamos: —

«Dentro dum puro conceito materialista, nenhum problema social ou científico se resolverá eficazmente.»

«Deus é a valorização da nossa pessoa e de todas as cousas. Em Deus é que o Sol brilha e a flor é bela.»

A Casa dos Pobres e a sua esfera de acção

Não é preciso remontar muito longe, basta lançar os olhos de há três anos a esta parte, isto é desde o início da Casa dos Pobres, para rememorar qual o esforço despendido e quanto trabalho ingrato e insano se tem conseguido para obter os resultados actuaes.

sujeos. Em determinados dias da semana grupos de profissionais percorriam as ruas, de porta em porta, de estabelecimento em estabelecimento, na pedineira habitual do meio tos-tãozinho e na sua repartição, fazendo lembrar as antigas portadas dos conventos; pelas ruas de acesso à cidade, sentados no chão, exibindo mazelas reais ou fingidas, agrupavam-se os habitantes dêstes agropáveis dos Milagres. E o quadro não está sobre-carregado, porque ainda lhe faltam as crianças, que, impelidas pelos contratantes, eram forçadas a levar determinada quantia ao fim do dia!

— Ora é preciso reconhecer, sem querer asseverar que tudo tenha chegado a um grau de perfeição absoluta, que se modificou profundamente este estado de coisas. Onde a exibição permanente de pobres a percorrerem as ruas? Onde os assaltos a carros automóveis ou outros? Onde as crianças a juntarem o pedúlio que as livrar da coça diária?

— E' esta a parte visível produzida por influência e pela acção de Casa dos Pobres. Outra há, e essa é invisível, que se passa dentro dos muros e das paredes do Edifício de S. Dâmaso, felicíssima adaptação conseguida pela ex.ªª Commissão Administrativa do Município, que muito a honra e enobrece, mas que poderá ser avaliada por todos quantos se interessam por este embrião de assistência social, raro no nosso paiz, tão pobre nestas iniciativas, tudo aguardando do poder central, e que, como exemplo, deverá fructificar, alargando-se por todas as localidades e completando-se de forma a tornar mais eficaz a acção local de cada município.

— E' esse acção invisível a que mais desejáramos tornar conhecida de toda a cidade, para se poder avaliar a soma de esforço, dedicação, altruísmo que ali se despende, sem transpirar e sem exhibições estrondosas, apenas e somente pela esperança de um alto dever social cumprido, e que, com o esforço comum, muito pode ser alargado.

Apelamos para todos os homens de coração e boa vontade, para todos aqueles que, contribuindo, ainda mais o podem fazer, para todos aqueles em fim, que, reconhecendo a hora turva e angustiosa que as sociedades estão atravessando, apelamos para todos êsses lembrando o dever de auxiliar a desenvolver uma instituição, frágil ainda, mas que com boa vontade se pode transformar num dos múltiplos baluartes que é preciso levantar para sustentar a onda invasora dos bárbaros modernos, que não se domam com cónclios platónicos.

CASA — Aluga-se

Aluga-se uma casa com quintal, situada no lugar da Estrada Nova, Freguesia de Nespereira, — servido por caminho de ferro. — Informa no mesmo prédio.

Farpas

Adelina Abranches

Tivemos o prazer de a ver, de novo, na representação dos aitos Gilvencinos. A mesma mocidade de sempre, o mesmo talento de artista, a mesma disposição gaiata do «Gaiato de Lisboa».

Adelina descobriu o segredo da juventude, do juvénil perene de graça e de arte, cheio de frescor que há tantos anos lhe conhecemos e que há tantos anos nos encanta.

O Pranto de Maria Parda encontrou a sua verdadeira e genial intérprete. Verdadeiramente melhor que ela saberia dar tanta vida e tanta naturalidade de interpretação, viver tam intensamente aquêlle papel de uma das mais curiosas personagens do teatro Gilvencino.

Adelina Abranches é, talvez, uma das nossas mais velhas artistas: — em idade e em talento. Mas quando surge nos palcos, arrebatada e deliciosa, porque sabe dar alma aos papéis que lhe cabem, exactamente porque o seu talento é sempre moço e sempre actual.

Vimo-la a representar teatro de espirito satirico, a encarnar o demônio de Gil Vicente, do Mestre admirável, com a mesma naturalidade e desenvoltura com que a vimos já representar teatro do novo tempo.

Adelina Abranches é, de facto, uma Artista, uma das nossas melhores Artistas de ontem e de hoje. Sabe representar, sabe fazer teatro, sabe agradar a todo o público. Assim aconteceu sgora, agora já tantos anos passados, agora já tantos anos vividos na vida exaustiva do palco, agora já tanto tempo decorrido na ampulheta inexu-

rável do tempo que tudo apaga e tudo destrói.

Mas Adelina Abranches tem sabido sair sempre victoriosa e quando a vimos, junto do nosso Castelo, no papel de Maria Parda não pudemos deixar de exclamar, num misto de enternecimento e de admiração: — Adelina, venceste mais uma vez. E aplaudimo-la com entusiasmo.

S. João das Caldas, 15 de Junho de 1937.

X. X.

CURSO DE CORTE LUC

DE M. da Conceição Pinto da Silva

Por todo o mês de Julho abre nesta cidade este curso, composto de 33 lições.

Todas as senhoras que pretendam aprender devem dirigir-se a casa do sr. Tenente da Guarda, onde se encontra aberta a inscrição até ao dia 10, e onde são dadas as lições.

Música variada...

Tristezas!

Depois do que se tem passado com as Festas da Cidade, surgiu o que já é do conhecimento do público, relativamente à construção do Teatro, importante melhoramento para esta terra, que ninguém conseguiu resolver a não ser o sr. B. Jordão. Trata-se, portanto, de um empreendimento levado a efeito pela iniciativa particular, iniciativa essa que devia ser recebida de braços abertos por toda a gente e pelas entidades locais. E' por meio da iniciativa particular que muitas terras conseguem tornar-se progressivas, motivo por que ela é considerada uma apreciada alavanca do progresso.

Não entrando nos domínios da indifferença da iniciativa oficial em Guimarães, terra, onde, excepcionalmente, a sua principal entidade não tem conseguido realizar uma obra marcante e digna de apreço e de simpatia, justo é dizer-se que o promotor da construção do Teatro é digno da admiração dos Vimaraneses.

Não é o facto de se tratar da pessoa do sr. B. Jordão, mas sim o de se tratar de um homem que tomou sobre si — sem o auxílio de ninguém — a resolução de ir de encontro aos desejos dos Vimaraneses, que desde há anos não têm na sua terra um Teatro, o que representa uma vergonha de fazer corar os bairristas que não fazem porque não querem. De resto, se em vez do sr. Jordão apparecesse qualquer outra pessoa, fosse ela qual fosse, que resolvesse como aquêlle senhor a questão do Teatro em Guimarães, evidentemente que essa pessoa — Grega ou Troiana — teria todo o direito à gratidão da população de Guimarães. Quer isto dizer que no presente caso apenas interessa o facto em si, isto é, nada mais nada menos do que a obrigação de estimular e de acarinhar a iniciativa particular. Esse estímulo e esse carinho devem estar integrados no bom senso de todos, mas muito principalmente no daquelles pessoas que se encontram investidas em lugares por onde transita a grande máquina do progresso do concelho. Essas pessoas, mais do que nenhuma outras, são as responsáveis pelo desânimo em que possa cair a iniciativa particular. Assim como o vinagre afugenta as moscas, quando por outro lado o mel as apanha, assim o procedimento de qualquer entidade pode atrair ou repellar os beneficéios da iniciativa particular. E' daqui se chega à conclusão de que há pessoas que não fazem nem deixam fazer. Já Guimarães — pobre Guimarães! — já se pode requerer a certidão de óbito das Festas Gualterianas e a construção do Teatro já foi acometida de paralisia, embora benigna desta vez.

Sol criador

O sol dos últimos dias tem desenvolvido e tornado mais vigorosa a erva que, por entre as pedrinhas de alguns largos da cidade, vem crescendo e procurando ar e luz, tornando-se de cada vez mais vistosa e mais apropriada para a alimentação de certos animais. Outro tanto não se dá com a que cresce na Torre de Alfândega, um dos canteiros municipais destinado à contemplação dos turistas. Deve haver quem goste.

Principiou a praga...

As sardinheiras, cujo número tem aumentado com a expansão da venda da sardinha, por aí andam, percorrendo, de taboleiro à cabeça, os passadizos das ruas principais da cidade, salpicando os transeuntes com o odorífero serringol da vivinha. E estamos não só por aquêlle nos por outros motivos. Mas o que fazer se a Polícia que há não chega um dedo de guarda para cada rua?!

Pobres pombos!

Isto de incluir no programa de uma Festa religiosa um torneio de tiro às bombas, não está, suponho eu, de har-

monia com o verdadeiro e puro sentimento cristão. Matar indefesas pombinhas com o fim de transformar essa crueldade em divertimento de alguém, não está nada certo. Porque nos se divertem os ers. caçadores com os tiros aos pratos? Que bom exemplo e magnífica lição não daria o Clube de Caçadores de Guimarães se fosse o primeiro a levantar no País uma campanha contra êsses torneios? Seria, sem dúvida, uma atitude que os dignificava, tratando-se, tanto mais, de pessoas de bons sentimentos. Quem dera que assim fosse!

Festas de verão

Continuam no jardim as Festas de verão com aquela animação que é própria de quem segue o adágio «Quem canta seu mal espanta». O que faz falta é a água a fim de evitar o pó, que se agarra à gente como a lésma ao caracol... De resto, não falta nada desde uns fadinhos a fazerem vibrar os afectos do coração até ao vibragiro — mata la bicha!

O novo Teatro

Continuam as obras do novo Teatro, onde trabalham cerca de duzentos homens. Depois de um ligeiro incidente, que o bom senso se encarregou de solucionar, ninguém pode duvidar de que vamos ter um Teatro que honra Guimarães.

Deliberação da Direcção da Associação C. e Industrial

Conforme o que prometemos no último número, passamos a transcrever o officio que a Direcção da Associação C. e I. enviou à Direcção da Escola de «Francisco de Holanda». Esse officio confirma o que dissemos sobre o assunto:

«Ex.ªª Senhor Director da Escola I. e C. de «Francisco de Holanda» — Guimarães.

A Direcção da Associação C. e I. de Guimarães vem acusar a recepção do officio n.º 169, dessa illustre Directoria, e, tendo tomado conhecimento do seu conteúdo, em sua reunião ordinária de 2 do corrente, agradece, e designa V. Ex.ªª, ao muito douto e digno corpo docente da Escola I. e C. de «Francisco de Holanda» a forma gentil e fidalga como foi tratada e atendida no decurso da visita que, em 12 de Abril p. p., fez às instalações dêsse tão simpático quaõ útil estabelecimento de ensino.

Mais tem esta Direcção o prazer de comunicar a V. Ex.ªª que na mesma reunião, e ainda sobre o mesmo assunto, resolveram solicitar do E.ªª Ministro da Educação Nacional, por serem absolutamente necessários, reparações urgentes de conservação e adaptações nas instalações dessa Escola, pedindo ao mesmo tempo a criação de algumas disciplinas de técnica industrial, prática, por certo muito úteis ao desenvolvimento da industria da nossa terra, como sejam: Curso de Serralheiro Mecânico, de Carpinteiro, de Marceneiro, de Mestre de Obras, de Canteiro Civil, etc.

Igualmente foi resolvido contribuir para a Caixa Escolar com a importância de cem escudos, lamentando esta Direcção que as suas possibilidades financeiras lhe não permitam oferecer maiores vantagens para fim tão altruista. E porque nunca será demais encarecer as múltiplas vantagens do Ensino Técnico, a cujo apostolado V. Ex.ªª tão devotadamente se entregou, felicita esta Direcção o illustre corpo docente da Escola I. e C. de «Francisco de Holanda», que, pela forma sempre progressiva que tem imprimido ao seu funcionamento, tornou essa Escola motivo de orgulho para a nossa Terra.

Digne-se V. Ex.ªª aceitar os nossos protestos de muito apreço e veneração.

A Bem da Nação. Guimarães, 4 de Junho de 1937. O Presidente,

(a) Silvino Alves de Sousa,

A Liga dos Combatentes da G. Guerra e o «Notícias de Guimarães»

Da Sub-Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra recebemos o diploma que a Direcção Central da mesma Liga concedeu ao «Notícias de Guimarães», de sócio benemérito. O diploma foi-nos enviado com o seguinte officio:

«Sr. Director do «Notícias de Guimarães» — Guimarães.

Cumpro o gratíssimo dever de enviar-lhe o adjunto Diploma que ao mui bem redigido semanário por V.ªª superiormente dirigido é devido, na qualidade de Sócio Benemérito desta Instituição como foi considerado, justamente, pela Commissão Central da L. C. da G. G. em sua sessão de 29 de Janeiro do ano passado. Cordeais Saudações.

A Bem da Nação. O Presidente da Sub-Agência,

(a) Carlos Augusto Gonçalves Coelho. (Tenente)

O «Notícias de Guimarães» agradece reconhecidamente a alta distincção conferida pelo muito que tem trabalhado em prol do Monumento aos Heróis da Grande Guerra e lamenta, ao mesmo tempo, que os seus esforços não tenham sido ainda coroados de êxito, como seria de esperar.

desporto

Torneio de Encerramento

Vitória 5 e Académico 2.

Foi uma tarde de calor sufocante a tarde do último domingo. Um sol de estio, de temperatura de fornalha, asfixiante. O futebol, jogo essencialmente de inverno, jogado sob um tempo de calor excessivo perde grande parte do seu carácter intrínseco, o movimento emotivo, que fornece aos lances o brilho que seduz e o inesperado que atrai. Os jogadores, expostos à violência do sol e sentindo os seus efeitos deprimentes e laxativos, onde a vontade luta contra a inpotência física que o calor atenuou, são incapazes de produzir o necessário a satisfazer o desejo de todos e alimentar a expectativa ansiosa do público, esquecido de momento, das dificuldades de sobremaneira influentes no bom rendimento da equippe.

Em conta se deve levar, portanto, as circunstâncias que influem na produção dum team e examiná-las conscientemente dentro duma generalização total, evitando a minúcia de pormenores, nestas inventividades, imprópria e pouco útil.

De facto, algumas vezes, em ocasiões febris de impaciência, deontre o público algumas vozes de reprovação à morosidade dêste ou ao atraso daquêle se ouviam, vozes bem intencionadas sem dúvida, mas isentas de raciocínio que a torreira esbrazeante do calor devia gerar aos impacientes protestantes. Se mesmo sem esforço, sentados nas bancadas e livres da ardência crua do sol, o calor, atravessando a coberta canelada de ferro zincado e a grossura das táboas, nos obrigava a borbulhar camarinhos de suor, sem que para isso o mais leve trabalho muscular concorresse. E, em contraste, os jogadores assinalavam bem o esforço dispendido: — o congestionamento do rosto, o encovado das faces que o suor banhava constantemente tornando-as brilhantes, a insistência nervosa no humedecer dos lábios ressequidos e hanstos sorvidos no ar, na esperança illusória de dessedentar a garganta sêca como restolho. Todo o desejo mais vincado de produzir se esvai, assim, sem possíveis reflexos de energias decididas, que triunfem da lassidão muscular que as excessivas e altas temperaturas originaram.

No jogo de domingo último, a equippe que mais sentiu os efeitos da torreira foi a visitante. A local, amparada pela assistência e incitada pelos seus aplausos, lutou com mais solicitude e apêgo, vencendo bem e utilizando-se proveitosamente da perda de moral do adversário, conforme o marcador subia em seu benefício.

A partida, com as suas partes agradáveis e os seus momentos de monotonia, teve a primeira parte equilibrada pelo jogo desenvolvido de qualquer lado. Levemente, o Vitória, possuiu vantagem na iniciativa dos ataques, dando-lhe o quinhão maior na totalidade das avançadas feitas pelos dois grupos em campo. A segunda parte, foi mais pródiga em goals acentuando-se mais a favor do grupo de Beulhevi a vantagem da parte anterior.

Os 5 a 2 do final do jogo representam o decorrer da partida.

O Vitória com a defesa segura, todavia culposa nas bolas conseguidas pelo adversário, — Ricoca mergulhou atrazado à segunda bola e Lino descurou-se da guarda ao extremo direito — impediu que os homens do Académico levassem a bom termo as suas intenções. Os halves trabalharam com acôrto e os avançados, sem aquela união do desafio anterior, foram contido os obreiros do triunfo.

Fôram os marcadores locais: Pantaleão 2 e Zeferino 3. O half-centro dos vimaranenses em tarde de boa pontaria, conseguiu 2 goals de efeito apontados a razar a base do poste esquerdo, ambos alcançados em idéntica forma, esplendidos de oportunidade e certeza.

O Académico, actuou com imperfeita noção de conjunto, prestando mal assistência entre si. A defesa, por exemplo, foi em muitas ocasiões impotente para assegurar a inviolabilidade das suas balizas sem a cooperação proveitosa dos halves, consentindo um domínio que poderia dar ao adversário um número maior de bolas. As duas bolas conseguidas fôram o produto de duas reacções que o péso do desaire fez sacudir, o seu amor próprio. Fôram os seus autores o extremo direito e o avançado-centro.

A arbitragem a cargo de Passos Simas, de Viana do Castelo, fraca. Não fugiu também à influência do calor.

Almeida Ferreira.

Vida Católica

Festa da Padroeira

A Mêsada da Irmandade de N. S. da Oliveira enviou aos Vimaraneses a seguinte circular:

«Sempre a população vimaranense devotou à Virgem da Oliveira um culto fervoroso de intensa e sentida fé. Procurando manter esse culto e no desejo de render à Padroeira da cidade as homenagens que lhe são devidas e que, há muitos séculos já, tornaram o seu santuário um dos mais concorridos deromeiros de tô-

da a península, vai a Mêsada da Irmandade de Nossa Senhora da Oliveira realizar neste ano e no dia 15 de Agôsto próximo, a festividade e a procissão de Nossa Senhora.

Para que possam atingir a máxima imponência e se tornem bem dignas das tradições honrosas de Guimarães, vimos solicitar de V. Ex.^a o seu valioso auxílio, contribuindo com um donativo, que seja, ao mesmo tempo, uma afirmação dos seus sentimentos cristãos e um alto exemplo de devotado e consciente baírrismo.

Confiados nessa generosa colaboração de V. Ex.^a, desde já lhe desejamos manifestar o nosso muito reconhecimento.

Guimarães, 1 de Junho de 1937

A Mêsada da I. de N. Senhora da Oliveira:

João Maria Rodrigues Martins da Costa (Aldão), Manuel Alves de Oliveira, Agostinho das Neves Saraiva, Humberto Guimarães Pinheiro, Padre Augusto José Borges de Sá, António A. Ribeiro Gomes de Abreu, Domingos Mendes Fernandes, Constantino Alves, Manuel Fernandes Braga».

«Ronda da Lapinha»

Realiza-se hoje, com a imponência dos anos anteriores, a tradicional «Ronda da Lapinha» que costuma chamar à nossa terra muitos milhares de pessoas, principalmente das nossas aldeias, que veem acompanhar a Milagrosa Imagem e implorar a sua protecção para a lavoura. A «Ronda» deve chegar a Guimarães às 13 horas, demorando-se a Imagem da Senhora, na igreja da Oliveira, até às 17 horas, regressando de novo à sua capelinha da Montanha.

Sociedade Musical do Pevidém

No importante centro industrial do Pevidém, acaba de fundar-se uma Sociedade, denominada Sociedade Musical do Pevidém, cujo fim é prestar auxílio à excelente Banda de Música daquela localidade. Em Assembleia Geral realizada na penúltima quinta-feira, ficaram assim constituídos os Corpos Gerentes da Sociedade:

Assembleia Geral—Presidente, dr. Manuel Teixeira de Melo; 1.º Secre-

tário, Guilherme Folhadela Marques; 2.º Secretário, Augusto Pinto Lisboa.

Direcção — Presidente, Aprígio da Cunha Guimarães; Vice-presidente, Francisco José Lopes Correia; Secretário, António Faria Martins; Tesoureiro, António Correia Guimarães.

Vogal director — Albano Martins Coelho de Lima.

E' louvável a iniciativa das pessoas acima mencionadas, de cuja acção, em favor do excelente grupo musical, muito há a esperar.

Santos Populares

S. João

Nos dias 23 e 24 realizam-se nesta cidade e em Vizela vários festejos ao S. João.

No Largo do Cano:

Dia 23, ao romper do dia — Os festejos serão anunciados por uma salva de fôgo.

Ao meio dia será inaugurada a Monumental Cascata Luminosa da autoria do conhecido artista José Costa, na qual se exhibirão mais de mil bonecos em constante e simultâneo movimento. Este acto será abrihantado por uma banda de música, anunciado por uma grande e potente girândola de foguetes, subindo também ao espaço um formidável Balão com uma enorme descarga de fôgo.

A's 22 horas duas reputadas bandas de música darão entrada no local dos festejos para executarem as melhores composições do seu seleccionado repertório.

Durante a noite feéricas iluminações, fôgo do ar e fôgo prêso, músicas, descantes e bailaricos populares, sendo conferido um prémio à melhor rusga que aparecer no local dos festejos, grande e valioso Bazar de Prendas e outros atraentes divertimentos que se prolongarão pela noite fora.

Dia 24, ao romper do dia — Uma girândola de foguetes anunciará o segundo dia dos festejos.

Ao meio dia repetem-se as mesmas demonstrações festivas da manhã, continuando, de tarde, o leilão do

grande Bazar de Prendas. Tocará outra reputada banda de música.

A' noite haverá novo e animado arraial

— Nota: Repetem-se, com o mesmo programa, os festejos ao S. Pedro, nos dias 28 e 29 do corrente.

Na Ponte de Santa Luzia:

Dia 23, às 8 horas — Uma girândola de fôgo.

A's 12 horas — Outra girândola de fôgo.

A's 21 horas — Deslumbrante Arraial Minhoto, Bazar de Prendas, Danças Regionais, Sessão de Fôgo, Passeios de Barco, Festadas, Canções ao desafio, etc. Abrihantará o arraial a afamada Banda dos B. V. de Guimarães.

Dia 24, às 8 horas — Repetem-se as demonstrações festivas do dia anterior.

A's 11 horas — Cerimónia do Baptismo com um Còro de Virgens e abrihantada pela Banda dos B. V. de Guimarães.

Durante a tarde — Concerto de música, Leilão de prendas e Passeios de Barco. Um júri competentíssimo classificará a melhor Festada Regional à qual será conferido o prémio de meia libra em ouro.

Na Rua Francisco Agra:

Iluminações, fôgo, festadas e descantes populares, Cascata e outras diversões.

Em Vizela:

Realizam-se, nos dias 23 e 24, grandes festejos em honra do Santo Precursor os quais constarão de iluminações, música, fôgo de artifício, gincana de bicicletas, etc.

S. Pedro

Nas Taipas:

Conforme programa que publicamos no último número, realizam-se, nas Caldas das Taipas, nos dias 28 e 29, grandes festejos ao S. Pedro, havendo: festivais com iluminações, fogos e concertos pelas Bandas das Taipas e Revelhe (Fafe), e grande feira franca de gado bovino e cavalar, no dia 29, com valiosos prémios.

VENDE-SE um tolde, um molinho eléctrico para moer café, e estantes. Informa esta Redacção. (374)

Festas e Romarias

A Grande Romaria de S. Torcato, nos dias 3 e 4 de Julho próximo

Na forma dos anos anteriores realiza-se na Povoação de S. Torcato, a pouca distância desta cidade, nos dias 3 e 4 de Julho próximo, a Grande Romaria de S. Torcato, sem dúvida alguma uma das maiores do Paiz, que aqui costuma atrair dezenas de milhares de forasteiros, vindos de todos os pontos, de Norte a Sul. A Mêsada da Irmandade a que dignamente preside o importante industrial e grande benemérito de S. Torcato sr. Alberto Pimenta Machado, não se tem poupado a esforços, para que a Grande Romaria atinja este ano maior brilhantismo e assim controu já para os dois importantes arraiais de 3 e 4, as melhores e mais reputadas bandas civis do Norte do Paiz, entre as quais as dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, Pevidém, Póvoa de Lanhoso, etc., etc. e os conhecidos e afamados pirotécnicos de Lanhelos, Ponte da Barca, e outras localidades, num total de 15.

As iluminações que se vão admirar nos diversos arruados e avenidas que circundam o magestoso Santuário onde se venera o corpo do Milagroso Santo, estão confiadas a Artistas de reputação e devem produzir maravilhoso efeito, sendo confeccionadas debaixo da superior direcção do sr. Capitão Duarte Fraga e composto-se de muitos milhares de lumes.

As Solenidades religiosas do dia 4 e a Magestosa Procissão em que tomam parte os Carros Triunfais, devem, também, revestir extraordinária imponência.

Festas a Santa Catarina

Decorreram com muito brilho e grande concorrência os festejos de

Santa Catarina realizados na Penha no domingo passado e promovidos pelos Caçadores do Concelho, sob a Presidência do nosso bom amigo sr. Gaspar Lopes Martins. Fôram imponentes as solenidades religiosas e os arraiais. O Torneio de Tiro aos Pombos foi brilhante e decorreu com muita animação. A classificação dos prémios foi a seguinte:

1.º, António da Silva Abreu, de Pevidém; 2.º, Dr. Augusto Correia, de Braga; 3.º, António de Moura, de S. Pedro da Raimonda, Freamunde; 4.º, Joaquim Mendes, idem; 5.º, Francisco Lisboa, de Pevidém; 6.º, Bessa Leitão, de S. Pedro da Raimonda, Freamunde; 7.º, Dr. Manuel Gonçalves, de Vieira do Minho; 8.º, Alberto Costa, de Guimarães; 9.º, António Mota Prego de Faria, idem; 10.º, Jaime Leite Pereira da Silva, idem.

AGRADECIMENTO

Francisco da Costa Jorge e família, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que se interessaram pelo seu estado de saúde, quando do desastre de automóvel, ocorrido em 6 de Maio último, fazem-no por este meio, patentando a todos a sua eterna gratidão, e, muito especialmente ao ilustre clínico desta cidade, Ex.^{mo} Sr. Dr. João de Almeida, o seu inesquecível reconhecimento pelo carinho e amabilidade com que tratou os doentes não só no Hospital desta cidade, como na sua residência particular, quando os seus serviços eram solicitados.

Guimarães, 17 de Junho de 1937.

Acarinhar Guimarães é dever de todos os seus filhos.

Banco de Barcelos

Fundado em 1875

Agência de Guimarães

Largo do Tournal

(Instalações da antiga Secção Bancária da firma SOUSA JÚNIOR, SUCRS.)

Depósito à Ordem e a Praso, Descontos, Transferências, Saques, Compra e Venda de Papeis de Crédito e Cupões, Cobrança de Juros e de Dividendos. (248)

Tôdas as operações bancárias permitidas por lei.

TELEFONES { BARCELOS N.º 31
GUIMARÃIS " 60

PÓ CAFFARO

Emprega-se na preparação da CALDA CAFFARO contra o Míldio em substituição do Sulfato de Cobre e da cal, com muito maior eficácia e muito maior simplicidade de aplicação e de preparação.

Economizem pois, tempo e dinheiro. (346)

Peçam todos os esclarecimentos a:

FASSIO, LIMITADA || FIGUEIREDO, PINTO & C.
CASA FERRO
Praça da Liberdade, 53-1.º || Rua da República, 34
PORTO || GUIMARÃIS

OMNIA RÁDIO

Reparações em tôdas as marcas de Rádio-receptores, amplificadores, emissores.

ORÇAMENTOS. Verificação de válvulas e consultas grátis.

Rocha Saraiva
TÉCNICO DA ARMADA

Ex-chefe do Service Philips no Norte.
Amador Emissor CTIJS.

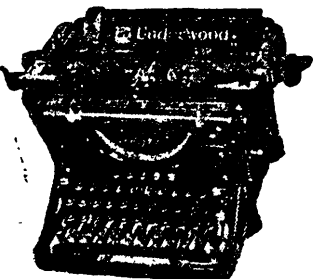
Rua Fernandes Tomás, 971 (à Trindade)

TELEPHONE, 7992

PORTO

Underwood

Cinco milhões de máquinas de escrever em uso no mundo inteiro. A Fábrica UNDERWOOD é a maior fábrica de máquinas de escrever do mundo.



O que cinco milhões de clientes acharam bom, deve merecer a atenção daqueles que pretendam adquirir uma máquina de escrever, pois está comprovada a superioridade da UNDERWOOD sobre qualquer outra marca.

== VENDAS A PRESTAÇÕES MENSAIS == (279)

Agente em Guimarães: GOMES ALVES.

Alfaiataria com Fazendas

do

RIBEIRO, FILHO

LARGO JOÃO FRANCO

O seu proprietário participa aos seus Ex.^{mos} Clientes que tem continuado a receber artigos da mais alta novidade para a estação de verão.

Sempre os mais modernos padrões e os melhores preços! (369)

MARCA REGISTRADA

A BRASILEIRA

Casa especial de café do Brasil e Pastelaria

61, Rua de Sá da Bandeira, 91

Telefones 379 e 405

PORTO

Vende-o em Guimarães:

Francisco Joaquim de Freitas & Genro

Praça D. Afonso Henriques, 70 (216)